

RESENHAS

Laforgue, Martín (compilación y comentarios). *Antiborges*. Buenos Aires : Vergara, 1999. 383 pp.

Borges, personagem da crítica

Se a crítica recente lhe confere ares de suspeita unanimidade, de saída contam a favor de Borges pelo menos duas coisas: ele nem sempre foi ovacionado; desde o segundo quartel do século passado, quando publica seus primeiros textos, ele provocou constantemente os críticos, para bem ou para mal, o que deixa claro o papel central, mobilizador de idéias, que sua literatura e suas opiniões desempenharam na crítica e na história literária ao longo de todo o século XX.

Entre a extensa bibliografia que saiu sobre Borges por ocasião do centenário de seu nascimento, em 1999, editou-se em Buenos Aires uma nova compilação de textos de seus críticos, todos nomes influentes da *intelligentsia* argentina, assinada e comentada por Martín Laforgue. Com o chamativo título de *Antiborges*, o livro se propõe, conforme seu

organizador, a reunir opiniões que, diferentes no enfoque, ideológico ou estético, indiquem novas fronteiras de leitura diante da hagiografia sufocante que se formou em torno de Borges.

O resultado é uma antologia de dezesseis textos divididos, em ordem cronológica, por seis capítulos, e que cobrem praticamente todo o século de Borges. O primeiro artigo é de 1926, o último ensaio de 1997. São textos que apontam principalmente seus problemas, não suas qualidades, e que trazem, em muitos casos, trechos exemplares da difícil arte de falar mal. Aparentam-lhe a futilidade, o vazio, o jogo pueril com a linguagem.

Assim, *Antiborges* reproduz o que o escritor e crítico Enrique Anderson Imbert dizia de Borges em 1933, na primeira discussão formal sobre Borges patrocinada pela então influente revista *Megáfono*. Embora considerasse o jovem autor superior aos seus companheiros de geração, e se tornasse mais tarde seu estudioso e defensor, sua impressão inicial era que Borges sofria da mais penosa das limitações argentinas – não poder escrever obras de valor:

Los ensayos de Borges son tan raquíuticos em sustancia humana, tan carentes de fuerza y de originalidad, que no puedo comprender que susciten entusiasmo a nadie.

Décadas mais tarde, numa linha ainda mais agressiva, Blas Matamoro, crítico e ensaísta, escreveu em livro, em 1971:

Toda compleja maniobra de Borges para demostrar que existe un mundo literario en que el espíritu campeon a sus anchas porque allí todo es libertad lúdica, es una solemne mentira: el jugador literario Borges se ha encerrado previamente en la torre de los juegos para luego proclamar que ella es el

mundo, y jugar libremente en él [...]. Que el chico infeliz, encerrado en una biblioteca y asustado por historias de leprosos y piratas y caballos que aplastan a los hombres, se haya convertido en el adulto mutilado que festeja su mutilación y si niega como individuo para librarse de los horrores del amor y de la muerte, es todo un triunfo para la sociedad castradora en que vivimos. Es una verdadera fábula con moraleja de categoría literaria.

Esse tom, naturalmente, não se mantém do começo ao fim. Uma das pérolas da antologia de Laforgue é justamente o minúsculo artigo de abertura, publicado originalmente num jornal de Entre Ríos, em 1926, e que permanecia inédito desde então. Seu autor, Raúl Scalabrini Ortiz, tinha 28 anos quando o escreveu (um ano a mais que o também jovem Borges, àquela altura ainda um autor estreante), e sintetiza de maneira quase premonitória aquele que será o núcleo criativo do escritor ao longo das seis décadas seguintes: “espíritu andariego y avidez de erudición”. Apenas dez anos mais tarde e Scalabrini Ortiz se tornará ideólogo do grupo Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina (F.O.R.J.A.), que exercerá grande influência no governo de Perón – por quem Borges, como se sabe, manteve sonora aversão.

Não tão antiga nem tão inédita, mas igualmente rara, a reprodução de um debate entre três influentes críticos uruguaios (Emir Rodríguez Monegal, Ángel Rama e Carlos Real de Azúa) sobre Neruda e Borges, originalmente publicado na *Revista Nacional*, de Montevideú, em 1959. Como se pode adivinhar, o tema da discussão gira em torno da comparação das posições políticas dos dois autores e o peso dessa posição no campo da estética, um problema que sempre motivou farratamente a crítica “contra” Borges.

A antologia reúne ainda outros textos significativos publicados nas grandes revistas literárias de Buenos Aires e excertos de *Borges y la nueva generación*, primeiro livro dedicado inteiramente a abordar a obra de Borges, escrito por Adolfo Prieto, um dos fundadores da revista *Contorno*, e publicado em 1954. Prieto lançou seu livro – um ataque frontal ao autor de *Ficciones* – aos 26 anos, e não tardaria em mudar de opinião em relação ao que disse.

Finalizam a coletânea três artigos que se caracterizam por se embasarem de uma maneira já mais distanciada e completa diante da trajetória de Borges. O primeiro é um ensaio de fôlego de Pedro Orgambide, escritor e ensaísta. Traça um resumo da história política argentina a partir dos anos 50 e a partir dele faz uma análise sociológica daquele que considera um dos procedimentos-chave de Borges em termos políticos: a simplificação pelo preconceito.

O destacado poeta contemporâneo Juan Gelman comparece com um artigo breve em defesa do valor e da grandeza de Borges, datado de 1993. O último texto é de Juan José Sebrelli, que procura elaborar um panorama do lugar que Borges ocupou na cultura e na sociedade argentina, com uma análise própria de como se poderia entender de maneira mais produtiva as mudanças de perspectiva e as aparentes contradições que percorrem a sua obra.

Um dos méritos centrais de toda boa antologia é o constituir-se como ponto para observação panorâmica do tema a que se dedica. Esta, em particular, permite entrever como as leituras que se fizeram de Borges se alteraram com os anos, alimentando e influenciando nos próprios projetos e preocupações da crítica. Mostra de Borges uma imagem radical: a do personagem ativo e

central no cenário intelectual de nossa época.

As quase quatrocentas páginas do livro organizado por Laforgue vêm numa edição cuidada e visualmente atraente. Antes de cada bloco de artigos, ele intercala uma eficiente apresentação da época e do contexto em que estes circularam pela primeira vez, dando conta das circunstâncias históricas e das discussões literárias em curso no momento de sua veiculação. Cada artigo vem acompanhado de uma rápida apresentação de seu autor.

Daisi Irmgard Vogel

*Universidade Federal de Santa Catarina
daisivogel@yahoo.com.br*

Jorge Luis Borges. *Borges en Sur (1931-1980)*. Barcelona: Emecé, 1999. 166 pp.

Borges, en 1930, prepara la primera biografía de Evaristo Carriego, a quien conoció personalmente. Éste era amigo de su padre y frecuentemente lo visitaba en su casa; Borges dijo haber descubierto la poesía de sus labios, durante los extensos recitados que Carriego hacía de poemas de Alfonsina Storni.

El año siguiente, 1931, Victoria Ocampo funda la revista *Sur*, en la que Borges se desempeñará como colaborador desde los primeros números y publicará reseñas bibliográficas, críticas cinematográficas, ensayos y, más adelante, poemas y algunos de sus más importantes cuentos. Expresión culta y cosmopolita, esta revista reunió en

sus páginas a un selectísimo grupo de colaboradores habituales.

Muchas de las publicaciones de Borges, que todavía permanecían inéditas, están reunidas en el reciente libro publicado por Emecé, *Borges en Sur*. El libro reúne más de cien colaboraciones dispersas de Borges y cierra con el discurso, con motivo de la muerte de Victoria Ocampo, que Borges pronunció en la Unesco y *Sur* publicó en 1980.

Jorge Luis Borges, antiperonista declarado desde los inicios de la campaña preelectoral, solía comparar al gobierno de Perón con el de Rosas: “dos dictaduras hubo aquí...”; “Rosas tuvo que ser más cruel que Perón, porque tuvo que habérselas con gente más dura que los argentinos actuales. Pero creo que Perón, que no vaciló en el uso de la piqueta eléctrica, no hubiera vacilado tampoco en el uso de los cuchillos mellados de los mazorqueros”. En “Un curioso método” (*Ficción*, núm. 6, marzo-abril de 1957) también critica a los historiadores que sostienen la hipótesis del “fatalismo histórico” para el gobierno de Perón y recuerda a “las turbas que entre un saqueo y un incendio daban horror a las noches de Buenos Aires vociferando: ¡Mi general cuánto valés! y los otros servilismos del repertorio”.

Otros muchos textos son muestra de su declarada oposición ideológica: “L’Illusion Comique” (p. 55, noviembre-diciembre de 1955); “Una efusión de Ezequiel Martínez Estrada” (p. 173, septiembre-octubre de 1956), en que Borges repite lo que había dicho en Montevideo sobre Perón, aunque Martínez Estrada le hubiera llamado de “turifario a sueldo”: “Aramburu y Rojas podrán estar a veces equivocados pero nunca serán culpables. Por eso considero mala la actitud de Martínez Estrada, por ejemplo, que ha dado con-